

A SAGRADA FAMÍLIA DA NAZARÉ

Abílio Lousada & Susana Cipriano

Primeira e mais Santa das Famílias: “o Menino Jesus, Santo por natureza; Maria Santa por privilégio; José, justo pela graça”.

Família Santa, perene e inspiradora. Modelo de vida em Amor, de Encontro e Conforto. Divinal!

O Universo irrompe com o *Big Bang* quando Deus, agente de ignição, assim o quis. Milhões de anos passaram desde que Deus criou o Céu e a Terra, a Luz e a Vida. Vegetal, animal e mineral. Passaram ainda muitos milhões de anos e Deus criou o homem e a mulher e, após a desobediência e o pecado original de Adão e Eva, prometeu a vinda do Redentor, que originaria a segunda e eterna Criação.

A partir de Abraão, que há cerca de 3.800 anos saiu da sua pátria em Ur, na Caldeia, e chegou à Terra Prometida, como primícias do povo eleito, o Deus único vai-se revelando. Abraão é o primeiro homem da fé, o pai dos povos do Deus único. Depois, há 3.250 anos Deus quis que Moisés resgatasse o Seu Povo da escravidão do Egito, rasgasse o mar Vermelho e o conduzisse deserto adentro rumo à Terra Prometida, a quem confiou as tábuas com a Sua Lei (Dez Mandamentos).

Há 3.000 anos, David, um humilde pastor de Belém, é ungido por Deus para ser rei do povo e unificador das 12 tribos de Israel. 500 anos depois, os profetas Isaías, Daniel e Miqueias liam os sinais de Deus e anunciavam que a vinda do Messias, o Emanuel (Deus conosco), se aproximava, de natureza divina, nascido de uma jovem em Belém e que o Seu Reino não teria fim.

O Natal de Belém

Então, no ano 753 da fundação da cidade eterna (Roma), no ano 27 do Império Romano de Octávio César Augusto e quando a *Pax Romana* imperava, Deus escolhe Maria e José, um jovem e humilde casal da Galileia, como servos de acolhimento do Seu Divino Projeto de Salvação – Jesus Cristo. O Novo Testamento apresenta-no-Lo, através de São Mateus e de São Lucas, anunciado pelo Arcanjo São Gabriel e concebido no seio da Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Nasceu, de forma humilde, numa manjedoura em Belém, terra do rei David e de São José, a 25 de Dezembro, de acordo com a tradição.

São Lucas conta o anúncio do nascimento de São João Baptista a seu pai Zacarias e o anúncio do nascimento de Jesus a Maria, através do arcanjo São Gabriel, a visita de Maria à prima Isabel (Visitação), o anúncio da paternidade a assumir por São José, o nascimento do Menino Jesus (Ele Salva) no estábulo de Belém, a adoração dos pastores



Presépio na Igreja Matriz de Moredo/Bragança. Foto Susana Cipriano.

enviados pelo anjo, a circuncisão do Menino no Templo de Jerusalém, onde é reconhecido como Messias pelo ancião Simeão e a profetisa Ana, que veem Nele a Luz do Mundo e os padecimentos da mortalidade terrena. Jesus o Bom Pastor!

São Mateus narra a estrela que guia os magos Baltazar, Melchior e Gaspar, o encontro destes com o rei Herodes da Judeia, a adoração do Menino em Belém e a oferta de ouro (realeza), incenso (divindade) e mirra (mortalidade), a fuga da Sagrada Família para o Egito, o massacre dos inocentes por Herodes e o regresso da Sagrada Família do Egito para Nazaré. Jesus Rei do Universo!

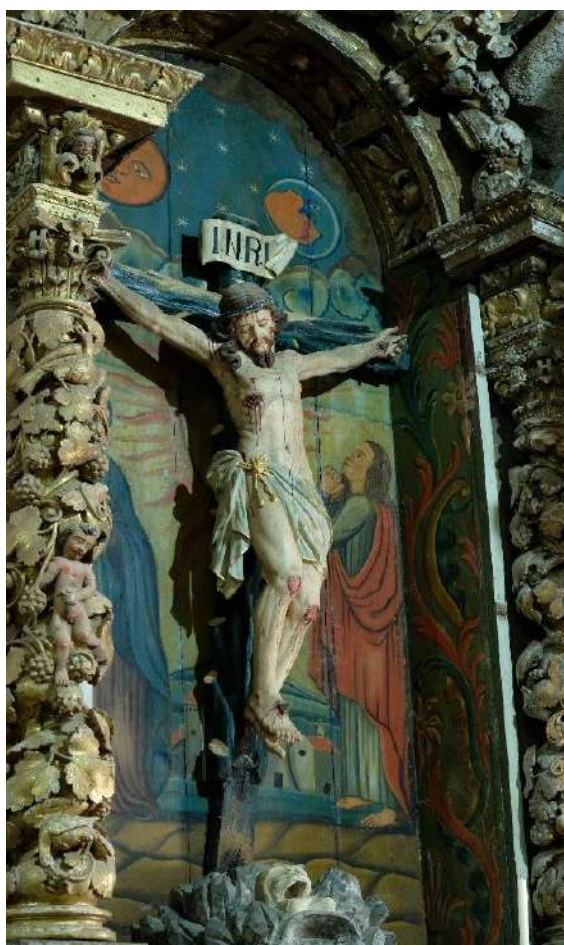
Duas narrativas que se complementam. Dois evangelistas que não procuram descrever cenas da história factual, mas um acontecimento marcante da História da Salvação – o Mistério da Encarnação de Jesus. A singela fortaleza do Verbo, o Menino em palhas deitado que se mostra em todo o seu divino esplendor aos que estão próximo (judeus), aos remediados deste mundo e puros de coração que não questionam a fé (simbolizado nos pastores), aos ricos, sábios, pagãos e longínquos povos da terra, mas tementes a Deus (através dos Magos), e aos anciãos, que ensinam as gerações e que envelhecem com esperança (Simeão e Ana).

Será, então, o Natal simplesmente a festa da família, mais uma efeméride histórica ou um corupio consumista? O Natal é o encontro com Jesus Cristo, que em comunhão familiar rejubila com a Sua vinda ao mundo há 2022 anos e acolhe a espera pela Sua derradeira chegada no fim dos tempos – «Vem Senhor Jesus». Saibamos nós desviar as pedras do Seu caminho, que são os nossos próprios pecados e falhas de entendimento e atendimento.

Porquê a Missa da Noite de Natal – dita do Galo? O Dia dos Dias irrompeu, o Menino nasceu, a Estrela brilhou e o Galo cantou. Aproximai-vos e tocai o Menino e contemplai a Sua Glória, cheio de graça e de verdade, pois para deixar de maldizer a escuridão basta ligar o interruptor!

O Presépio de Belém presenteia-nos com a mais bela e celestial História da Humanidade. Saibamos vivê-la e merecê-la! Um Santo e Feliz Natal para todos.

Jesus Cristo – Filho de Deus Redentor!



*Igreja Matriz de Gondesende/Bragança.
Foto Susana Cipriano.*

Verdadeiramente Deus e verdadeiramente Homem, Rei do Universo e Salvador da Humanidade, Jesus Cristo consagrou uma Igreja e fundou a religião Cristã que, pelos séculos dos séculos, se traduz em mais de dois mil milhões de crentes e originou uma datação secular dividida entre antes e depois de Cristo.

Jesus tinha cerca de doze anos quando, numa peregrinação a Jerusalém para celebrar a Páscoa, ‘desapareceu’ por três dias. Foi encontrado no Templo por José e Maria, a debater as Escrituras com os doutores judaicos, que “estavam maravilhados com a inteligência das suas respostas”. A partir daí, o que fez nos 18 anos seguintes em Nazaré é omissos nas Escrituras e permanece no silêncio duma vida normal. Permite-nos estar em

comunhão com Ele, na santidade duma vida quotidiana feita de oração, de simplicidade, de trabalho, amor e de harmonia familiar.

Por volta dos 30 anos, Jesus deixa Nazaré e acerca-se de João Baptista, nas margens do rio Jordão. Faz-se baptizar e, eis que o céu se abriu, veio uma pomba, que ficou por cima da Sua cabeça, e ouviu-se a voz de Deus-Pai dizer: “Este é o meu Filho muito amado, em quem pus o meu agrado. Escutai-O”. Então, João disse aos presentes: “Eis o Cordeiro de Deus, O que tira os pecados do mundo. Eu sou

testemunha de que ele é o Filho de Deus”. Iniciava-se, assim, o magistério público de Jesus Cristo. João Baptista batizava pela água, Jesus perdoava os pecados, batizando pela água e pelo Espírito.

Depois do Baptismo, Jesus afastou-se para as montanhas da Judeia, projetando os seus pensamentos contra o fundo silencioso do deserto e do céu. Aí permaneceu isolado 40 dias, em perfeita comunhão com o Pai, no silêncio da oração, do jejum e do recolhimento. Também é confrontado com a prova das três tentações de Satanás, que recapitulam a de Adão no Paraíso e as do povo de Israel durante a travessia do deserto, com Moisés. Satanás tenta Jesus na sua obediência à missão que lhe tinha sido confiada por Deus-Pai, mas Este resiste e a Sua vitória anuncia a Glória da Sua Paixão.

Seguidamente anuncia: “Cumpru-se o tempo e está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho”. Contrariamente a João Baptista, que pregava em locais ermos próximos do Jordão, Jesus percorre a Galileia, Decápolis, Samaria e Judeia, pregando em localidades tão diversas como Nazaré, Caná, Cafarnaum, Bethsaide, Jerusalém ou Betânia, e em diferentes lugares, desde os montes, vales ou à beira-mar, como no interior de sinagogas ou em casas particulares. Dirigiu-se a judeus e a pagãos, pecadores, cobradores e colaboradores, a quem anunciou o Reino da Salvação e colocou o Amor a Deus e ao próximo como Mandamentos maiores.

Para dar corpo à sua missão, escolheu doze Apóstolos, numa analogia às doze tribos de Israel reunidas pelo rei David, tinha imensos discípulos e seguidores, homens, mulheres e crianças que O acompanhavam, escutavam e acolhiam. Praticou múltiplos milagres, enquanto sinais e manifestações de fé, destinados a acreditarem n’Ele como o Messias. O primeiro dos quais nas bodas de Caná, onde transformou água em vinho, antecipando a Eucaristia da Última Ceia e a própria Crucificação.

Nas pregações, recorria amiúde a parábolas para anunciar o Reino de Deus, pequenas histórias ricas em sabedoria, contadas de forma simples e clara, através de comparações, da apresentação de factos reais e de elementos comuns à época. Nos Ensinamentos feitos aos seus discípulos ou nas confrontações e intrigas havidas com os fariseus e os doutores da Lei, Jesus Cristo apresentava-se como o mensageiro e a própria mensagem de Deus-Pai, ou seja, Ele é o Senhor da vida eterna – “O caminho, a Verdade e a Vida”.

É no Sermão da Montanha, através das Bem-Aventuranças, que o Reino de Deus é apresentado da forma mais sublime e esperançosa, direcionado sobretudo para os infelizes na sua miséria física, moral ou espiritual: felizes os pobres em espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacificadores, os que são perseguidos em nome de Cristo – é deles o Reino de Deus. Apresenta, assim, o Reino Celestial da justiça, da compaixão, da bondade, da ternura e da paz: “Eu Sou a Luz do mundo. Quem Me segue não andarás nas trevas, mas terá a Luz da Vida”. São a verdadeira senda alta da Montanha da Vida. Um caminho penoso, não isento de dificuldades, mas iluminado para a recompensa eterna, se Deus tiver lugar na vida do homem.

Depois de quase três anos a pregar e a ensinar, e em cumprimento do tempo estabelecido, Jesus entrou em Jerusalém para celebrar a Páscoa, montado num jumento. Cantaram-Lhe hossanas, “Bendito o que vem em nome do Senhor”, apresentou-se como o Filho de Deus e expulsou os cambistas e os vendedores de pombas do pátio do Templo, por profanarem a casa do Pai. Passou a ser olhado como perturbador da ordem pública, alguém que colocava em causa as convenções da Lei e inquietava as autoridades religiosas locais. Para o sumo-sacerdote José Caifás e o Sinédrio Judaico, tinha de ser detido.

Na Quinta-feira, Jesus tomou a Última Ceia com os discípulos, em sinal de humildade lavou-lhes os pés e celebrou a Eucaristia, partilhando o pão e o vinho – o seu Corpo e Sangue – anunciando a Paixão. Ainda no decorrer da Ceia, identificou aquele que o entregaria. Depois, afastou-se para rezar no jardim de Getsémani, na companhia de Pedro, Tiago e João, onde entrou em agonia. Nessa noite, é preso pelos guardas do sumo-sacerdote, que foram conduzidos até ao local por Judas Iscariotes, que Lhe dá o beijo da traição. Cordeiro Pascal, Jesus recusou defender-se.

Foi conduzido ao Sinédrio e presente a José Caifás, que o julgou num simulacro de processo. Acusado de blasfêmia, de atentar contra a Lei e contra o Templo e de se proclamar “Filho do Altíssimo”, foi entregue a Pôncio Pilatos, com recomendações para ser executado. Este submeteu-O a um breve interrogatório e, à pergunta se Ele era o Rei dos Judeus, respondeu: “O Meu Reino não é deste mundo”. O prefeito acabou por ordenar a sua crucificação, depois de ter sido publicamente o escolhido pelos mesmos que o tinham aclamado, aquando da sua entrada na cidade santa de Jerusalém: “crucifica-o, crucifica-o”.

Após ser violentamente flagelado e de Lhe terem colocado uma coroa de espinhos na cabeça e uma vara na mão, Jesus carregou a Cruz até ao monte Gólgota. Uma *Via Crucis* durante a qual cai três vezes, é ajudado por Simão Cirene, fala às mulheres e grava o seu rosto no pano de Verónica. Foi crucificado às nove horas como um vulgar malfeitor, nas vésperas da Páscoa Judaica (Sexta-feira), ladeado por dois salteadores, um dos quais, convertendo-se, havia de ir com Ele para o Paraíso. Jesus, porém, do alto da Cruz dizia: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem”. O doloroso processo, envolto numa escuridão que cobriu toda a região, durou até às três horas da tarde, altura em que soltou um forte grito e exclamou: “Pai, em Ti entrego o Meu Espírito”. Então, inclinou a cabeça e expirou. A seus pés estavam a Virgem Maria, a irmã Maria Cleofas, Maria Madalena e o Apóstolo João. O corpo foi descido para o regaço da Mãe e, a instâncias de José de Arimateia, foi-lhe dada sepultura numa pequena gruta, tapada por uma pedra e vigiada por guardas romanos.

Para o Sinédrio e o Pretório, tudo estava concluído. Mas, no Domingo de manhã, quando algumas mulheres se dirigiram ao túmulo para Lhe ungirem o corpo, encontraram a pedra removida. Encontraram apenas as ligaduras e o lençol que Lhe tinham envolvido o corpo. Um Anjo anunciou-lhes que o Senhor estava vivo. Mostra-se depois a Maria Madalena e questiona-a: “Porque procurais entre os mortos quem está vivo?”. Pela tarde, dois dos seus discípulos, que se dirigiam, a Emaús, também O viram. Contudo, só O reconheceram quando Ele repetiu a fração do Pão, como fizera na Última Ceia. Apareceu depois, ao cair da noite, aos Apóstolos reunidos no Cenáculo, saudando “A paz esteja convosco”. São Tomé não estava presente e não acreditou. Na semana seguinte, Jesus voltou a aparecer e mostrou as chagas ao Apóstolo incrédulo: “Felizes os que acreditam sem ver”.

O momento da Ressurreição é a verdade culminante da fé em Cristo, que representa, com a Cruz, parte essencial do Mistério Pascal.

Durante 40 dias, foi-se mostrando sob a aparência duma humanidade que ocultava a Sua Glória de Ressuscitado, deu a primazia da Igreja a Pedro e, aos Apóstolos, o dom de perdoarem os pecados, curarem os enfermos e praticarem milagres. Então, Jesus dirigiu-se com os Apóstolos para a Betânia. No Monte das Oliveiras despede-se, sendo arrebatado para os Céus (Ascensão), onde se sentou à direita de Deus-Pai. Dez dias decorridos, infunde o Espírito em abundância e manifesta-O como Pessoa Divina, de modo que a Santíssima Trindade é plenamente revelada a Santa Maria e aos Apóstolos presentes no Cenáculo (Pentecostes).

Deste modo, os discípulos acreditaram que Cristo regressaria e que Deus tinha agido na Sua vida e morte para salvar a humanidade. Persuadiram outras pessoas a acreditar n'Ele e correram mundo difundindo a Boa Nova (Cristo), entregando-se ao martírio.

Decorridos poucos anos, estavam formadas as primeiras comunidades cristãs em Jerusalém, na Síria, no Egito, na Grécia, em Roma, na Ásia Menor, na Pérsia e na Índia. Quando o imperador Constantino, o Grande, se converteu ao Cristianismo, em 337 d.C., pouco tempo antes de morrer, simbolizou a vitória de Jesus de Nazaré, trezentos anos depois de ter sido crucificado no Gólgota.

Jesus Cristo é o Messias, que surgiu com humildade; o Mestre da Vida, que ensinou as comunidades; o Salvador, que anunciou o Reino de Deus e a vida eterna; o Redentor, que perdoa os pecados; o Cordeiro de Deus, que instituiu a Eucaristia e padeceu na Cruz; o Filho de Deus, que ressuscitou dos mortos.

Virgem Maria – Santa Mãe de Deus!

Maria Theotokos (Mãe de Deus) e Santa das Santas, Mãe da Igreja, Rainha do Céu e da Terra e Padroeira de Portugal, mil vezes coroada e mulher sempre venerada.

Maria, fiel intermediária das Preces que encaminha até Deus seu Filho, Santa que arrasta multidões para os locais onde apareceu e falou, Mulher que inspira como ninguém hinos, cânticos, poemas e histórias. Maria, que foi carinhosamente tratada, pela primeira vez, como Nossa Senhora, por São Bernardo de Claraval (1090-1153), e entoada «Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria», rezada na Salve-Rainha.

Teve como pais São Joaquim e Santa Ana, um casal humilde e idoso, a quem Deus deu a felicidade de gerarem uma filha. Anos mais tarde, a sua mão foi prometida em casamento a José, um honrado carpinteiro de Nazaré, com ligações genealógicas ao Rei David, que governou Israel



Igreja Matriz de Moimenta/Vinhais. Foto Susana Cipriano.

cerca de mil anos antes. Segundo a tradição, Maria deu Jesus à luz a 25 de Dezembro, dia de Natal, numa manjedoura de Belém, episódio que inicia a «História da Salvação». Mas como foi concebido?

Tudo começou com a Anunciação, nove meses antes (25 de Março), quando o Arcanjo São Gabriel lhe apareceu e diz: “Alegra-Te, cheia de graça! O Senhor está contigo!”. E acrescentou, perante a surpresa de Maria: “Não tenhas medo, porque encontraste graça diante de Deus. Vais conceber um Filho e dar-lhe-ás o nome de Jesus” (Ele salva). Maria perguntou ao anjo: “Como pode isso suceder se não conheço homem?”. Respondeu-lhe o Anjo: “O Espírito virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”. Maria, submissa a Deus e cheia de fé, disse: “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Eis Maria, Mãe do Filho Eterno feito Homem, na qual Deus encarnou. Anunciação que também seria feita a José, o pai adoptivo de Jesus, que assim serenou e assumiu a missão paternal da salvação.

Depois, querendo informar da Boa Nova, Maria visitou a sua prima Isabel que, casada com Zacarias, também estava ‘de vésperas’ (6 meses) de um menino de nome João, a quem Deus concedeu a felicidade de procriação num estado de idade avançada. Quando chegou e a saudou, Isabel entoou: “Bendita Sois Vós Entre as Mulheres e Bendito é o Fruto do teu Ventre. Como posso merecer que a Mãe do meu Senhor me venha visitar?”.

Posteriormente, a obrigatoriedade do recenseamento impeliu José e Maria (grávida) a deslocarem-se a Belém, onde o Menino nasceu conforme prediziam as Escrituras. Depois, cumprindo-se os 40 dias da purificação da Mãe, segundo a lei de Moisés, levaram o Menino a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor, onde foi reconhecido como o Messias pelos anciãos Simeão e Ana, que lhe disseram ainda que “uma espada trespassará a tua alma”, prenunciando as Sete Dores da Virgem Maria.

Maria, na companhia de José, deu uma educação carinhosa e cuidada a Jesus, e acompanhou-o na sua vida. Assistiu à erudição de Jesus no Templo onde, com apenas doze anos, debateu as Escrituras com os Doutores e, após início da vida pública de Jesus, esteve presente nas Bodas de Caná, na Galileia, onde foi feito o primeiro milagre – transformação da água em vinho. A determinada altura da boda, Maria disse ao Filho: “Eles não têm vinho”. Ao que Jesus responde: “Mulher, que temos nós que ver com isso. Ainda não chegou a minha hora”. Maria disse, então,

simplesmente aos servos: “Fazei o que Ele vos disser” – Maria, discípula, serva e intercedera de seu Filho.

Quando o tempo de Deus feito Homem se cumpriu, Maria sofreu com a crucificação do Filho na Cruz, assistindo ao seu martírio prostrada a seus pés, a quem acolheu no seu regaço, quando foi descido, para ser depositado no sepulcro. Dez dias depois da Ascensão de Cristo, Maria estava reunida com os restantes Apóstolos aquando do envio do Espírito Santo, no Pentecostes.

Após a sua morte (Dormição), cerca do ano 42 d.C., em Jerusalém ou Éfeso, ocorre a sua Assunção, ou seja, a elevação de Maria, em corpo e alma, para o Céu, levada por Anjos, furtando-se o seu corpo à profanação pela terra. É o reencontro de Mãe e Filho.

Maria é, segundo São Luís Maria Grignion de Montfort, o Santuário e o repouso da Santíssima Trindade. É o Paraíso terrestre do novo Adão.

A Virgem Maria-Nossa Senhora da Imaculada Conceição foi consagrada Rainha e Padroeira de Portugal, em 1646, pelo rei D. João IV e, em 1917, a «Senhora mais brilhante que o sol» apareceu seis vezes em Fátima aos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta, recomendando-lhes que rezassem o Santo Rosário pela conversão dos pecadores. A oração aconselhada para a salvação do mundo, desde que a Virgem Santa apareceu a São Domingos de Gusmão, em 1214. De profunda espiritualidade Mariana, São João Paulo II afirmou que Nossa Senhora tem um papel importante no plano da salvação do mundo e refere que “É necessário voltar-se a Maria se quisermos retornar à verdade sobre Jesus Cristo, à verdade sobre a Igreja e à verdade sobre o Homem”.

Maria Santíssima e cheia de graça é a mais «Bem-Aventurada» e a criatura humana mais próxima de Deus, o modelo maior da virtude da santidade, a Mãe de quem nos socorremos e a intercessora que vem em nosso auxílio. Como escreve João César das Neves, «Nossa Senhora tem em pleno a única coisa que interessa, a única coisa que é necessária. Ela tem a melhor parte porque tem Jesus Cristo». Ela é a Alma Mater, Mãe escondida e secreta, “Fonte selada da humanidade”, através de quem Jesus Cristo veio ao mundo e por quem reina.

Por todas estas coisas, não é admirar que à Mãe do Nosso Senhor sejam atribuídos diversos títulos, invocações e designações. Em Portugal, e particularmente em Bragança, onde a devoção Mariana está muito enraizada, abundam a dedicação de igrejas e de santuários, festas e romarias.

São José – Coração de Pai!

Pai Putativo (adoptivo) de Jesus, Esposo da Santíssima Virgem Maria, guarda do Filho de Deus, Patrono universal da Santa Igreja, protector e modelo dos operários, das famílias e conforto dos atribulados.

Segundo a tradição cristã, nasceu em Belém, no século I a.C., pertencia à grande tribo da Judeia e era descendente do rei David de Israel. No catolicismo é considerado Santo, homem justo e cumpridor da lei a quem Deus encarregou da educação do Seu Filho Divino.

No Novo Testamento (São Mateus e São Lucas) José apresenta-se como um homem sereno, piedoso e discreto: i) desposa Maria na Galileia; ii) assume a paternidade de Jesus (motivado pelo Arcanjo Gabriel), concebido pela graça de Deus e obra do Espírito Santo no seio da



Concatedral de Miranda do Douro. Foto Susana Cipriano.

Virgem Maria; iii) cumpre a profecia de nascimento do Messias em Belém, para lá se dirigindo desde a Galileia com Maria, em avançado estado de gravidez, tendo como argumento um recenseamento; iv) vela pela Sagrada Família na manjedoura durante o nascimento e aí recebe pastores, magos e anciãos que, orientados por Deus, exultam com a boa nova; v) furta-se com o Menino à matança dos inocentes determinada pelo rei Herodes, refugiando-se no Egipto; vi) apresenta, na companhia de Maria, Jesus no Templo, conforme a tradição devida aos recém-nascidos, onde a Criança foi reconhecida como o Messias por Simão e Ana; vii) instala-se definitivamente com Maria e Jesus na Nazaré, uma localidade da Galileia, onde exerceu a profissão de carpinteiro, ofício que teria, mais tarde ensinado a Jesus; viii) e, por fim, a última menção feita a José nas Sagradas Escrituras é quando procura por Jesus em Jerusalém, aquando da peregrinação à Cidade Santa, quando este tinha 12 anos, encontrando-o a debater as escrituras com os doutores da lei.

Cessam aqui as referências canónicas a São José e ignora-se quando e como morreu. Há razões que fazem supor que ocorreu antes da vida pública de Jesus Cristo,

concretamente antes das Bodas de Caná, o que significa que este homem humilde mester se tenha abandonado ao Pai enquanto era velado pelo Filho e a Santíssima esposa – serenamente aceitou a morte com a mesma graça com que assumiu a missão terrena segundo determinação divina.

A Igreja invoca São José como padroeiro dos moribundos e os cristãos dirigem-se-lhe com confiança para alcançar a graça de uma boa morte. Não existem relíquias de São José, tão pouco se sabe o lugar onde foi sepultado.

A devoção a São José na Igreja Católica é antiquíssima. A Igreja do Oriente celebra-lhe a festa desde o século nono, tendo-a os Carmelitas introduzido na Igreja ocidental. Os Franciscanos, em 1399, já festejavam a comemoração do Santo Patriarca, ajudando a espalhar a devoção. Em 1479, foi colocado no calendário Romano, através do Papa Xisto IV, estipulando a celebração da sua festa a 19 de Março (Dia do Pai); Gregório XV generalizou-a em toda a Igreja. Clemente XI compôs o ofício com os hinos para o dia 19 de Março e colocou as missões da China sob a protecção de São José. Pio IX introduziu, em 1847, a festa do Patrocínio de São José e, em 1871 declarou-o padroeiro da Igreja Católica.

Leão XIII e Bento XV recomendaram aos fiéis a devoção a São José, de um modo particular, chegando este último Papa a inserir no missal um prefácio próprio.

Bibliografia

- BENTO XVI, Jesus de Nazaré (2012) – *A Infância de Jesus*. Cascais: Principia.
- BUTLER, Reverendo Alban (1992) – *Vida dos Santos*. Lisboa: Dinalivro.
- CIPRIANO, Susana e LOUSADA, Abílio (2025) – *Diocese Bragança-Miranda. Das Mais Belas Igrejas do Concelho de Bragança. Lugares de Culto e Fé*. Lisboa: Editora Paulinas.
- CORREIA, Raul (2013) – *Vida de Jesus*. Lisboa: Guerra e Paz.
- LEITE, José e COELHO, António José (2005) – *Santos de Cada Dia*. Matosinhos: Editorial A. O. (Braga), QuidNovi.
- RATZINGER, Cardeal Joseph e BALTHASAR, Hans Urs (2004) – *Maria. Primeira Igreja*. Gráfica de Coimbra 2.
- SA – Bíblia Sagrada (1978) – Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 8.^a Edição.
- Página Instagram [igrejas_com_historia](#).